



AS MICROCONSTRUÇÕES DE VERBO-SUPORTE COM “DEIXAR” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

THE SUPPORT VERB MICROCONSTRUCTIONS WITH “DEIXAR” IN BRAZILIAN PORTUGUESE

*José Roberto Prezotto Júnior*²

*Edson Rosa Francisco de Souza*³

RESUMO

Partindo do questionamento de Langacker (2008) sobre onde termina o léxico e onde começa a gramática, o presente trabalho objetiva investigar três microconstruções de verbo-suporte do português brasileiro, instanciadas pelo verbo “deixar”, como [deixar claro], [deixar marcas] e [deixar sombra de dúvida], à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2016; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013). Defendemos a hipótese de que tais microconstruções emergem na língua por meio do processo de analogização ao

1 Algumas das questões aqui apresentadas decorrem, em parte, das discussões promovidas na disciplina “Modelos baseados no uso”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UNESP-IBILCE), ministrada pelos professores Sebastião Carlos Leite Gonçalves e Edson Rosa Francisco de Souza. Agradecemos ainda ao Prof. Sebastião Carlos Leite Gonçalves pela leitura atenta da primeira versão deste texto e pelos valiosos comentários, que nos possibilitaram refinar pontos importantes deste trabalho.

2 Mestrando em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UNESP-IBILCE), sob a orientação do Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001. O autor é membro do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GPES).

3 Professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-IBILCE), da UNESP, Campus de São José do Rio Preto/SP. edsrosa@yahoo.com.br.



esquema construcional [SUJ + V_{TR} + OBJ] já consolidado e produtivo no português. Essas microconstruções de verbo-suporte herdam propriedades desse esquema, preservando, em sua base, a relação de transitividade, ou seja, de uma estrutura verbal que estabelece relação entre termos argumentais (argumento sujeito e argumento objeto). Como universo de investigação, utilizamos o *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006, 2016), referente aos séculos XX e XXI. As ocorrências são analisadas mediante o uso de parâmetros de forma e de significado, com vistas a averiguar e a aferir o grau de esquematicidade, analisabilidade, composicionalidade e produtividade das microconstruções em apreço, para, então, podermos comprovar a hipótese de que, embora essas microconstruções sejam todas caracterizadas como verbo-suporte, elas apresentam traços morfossintáticos e semânticos distintos que nos possibilitam alocá-las em diferentes pontos do *continuum* conteúdo-processo, justamente porque uma é mais procedural do que a outra.

PALAVRAS-CHAVE: *Verbo-suporte; gradualidade; conteudístico-procedural; verbo “deixar”.*

ABSTRACT

Considering the Langacker's (2008) question “Where does lexicon stop and grammar begin?”, this paper aims to investigate three microconstructions of verb-support in Brazilian Portuguese, instantiated by the verb *deixar* (to leave), such as [deixar claro] (to make clear), [deixar marcas] (to leave markings) and [deixar sombra de dúvida] (to leave no doubt), under the theoretical assumptions of the *Usage-Based Theory* (BYBEE, 2016, TRAUOGOTT, TROUSDALE, 2013). We defend the hypothesis that such microconstructions emerge in the language through the process of analogization to the already consolidated and productive constructional scheme [V+SN] in Portuguese. It is, therefore, an abstract constructional scheme that instantiates microconstructions that have inheritance relations with the transitive constructions, instantiated in its turn by the constructional scheme [SUJ V OBJ], since the verb-support microconstructions with “deixar” preserve the transitivity meaning, when a verbal structure establishes relation between argument terms (subject and object). We use the Portuguese Corpus (DAVIES; FERREIRA, 2006, 2016), especially the texts from the 20th and 21st centuries. The occurrences are analyzed according to formal and functional parameters, in order to verify the degree of schematicity, analysability, compositionality and productivity of these microconstructions, so that we can prove the thesis that, although these microconstructions are all defined as verb-support, belonging, therefore, to a medial point of the lexical-grammar continuum, they present distinct features that allow us to allocate them in different points of this scale, precisely because one is more grammatical than the other .

KEYWORDS: Support-verb; gradualness; contentful-procedural; Verb “deixar”.

1. Apresentação

Nas línguas em geral, há um movimento cíclico que vai do léxico para a gramática e dessa para o léxico, quase sempre motivado pelas necessidades comunicativas do falante, que, a depender do contexto interativo em que se insere, pode (i) reutilizar formas ou expressões já existentes na língua para exercer novas funções ou (ii) criar novas formas ou construções a partir de outras construções ou esquemas construcionais já consolidados na língua (processo

aqui referenciado como analogização). Assim, podemos dizer que as categorias linguísticas, incluindo aqui os verbos, exibem variação e gradualidade no uso efetivo da língua, justamente porque passam por constantes processos de mudança linguística ao longo do tempo. Essa fluidez categorial pode ser evidenciada com bastante nitidez quando se considera, mais atentamente, as construções de verbo-suporte ou construções verbo-nominais, cujas propriedades formais e funcionais não nos permitem encaixá-las nem no rol de verbos plenos (de conteúdo) nem no rol de verbos auxiliares (de natureza mais procedural), mas, sim, em algum ponto medial do *continuum* léxico-gramática ou do *continuum* conteúdo-processo.

Assim, com base nessa premissa sobre a gradualidade e o caráter cíclico das mudanças linguísticas atinentes ao léxico e à gramática, tomamos o questionamento de Langacker (2008, p. 22): “onde termina o léxico e começa a gramática?”⁴ como ponto de partida para a análise e a caracterização de três microconstruções de verbo-suporte do português do Brasil instanciadas pelo “deixar”, a saber: [deixar claro], [deixar marcas] e [deixar sombra de dúvida]. Tendo em vista esse questionamento, defendemos a tese de que tais microconstruções emergem no português brasileiro por meio do processo de analogização ao esquema transitivo [SUJ+ V_{TR} + OBJ] já consolidado e bastante produtivo na língua (MACHADO VIEIRA, 2001, 2014, 2016; NEVES, 1996, 2011; ESTEVES, 2008, 2012; etc.), que instancia inúmeras outras microconstruções com diferentes verbos-suporte, tais como [dar uma olhada], [tomar conhecimento], [ter noção], [fazer questão], [pegar birra], dentre outras, e possuem relações de herança com outras construções transitivas, instanciadas pelo mesmo esquema, em que o verbo predicador constitui um verbo pleno de conteúdo. Nesse sentido, entendemos, assim como define Neves (2011, p. 53), que os verbos-suporte são verbos que apresentam um significado esvaziado e formam com seu complemento (objeto direto) um complexo verbal, com significado decorrente do todo da expressão (verbo + sintagma nominal), e que, muitas vezes, equivalem, em termos de funcionalidade, a um verbo de natureza plena.

A fim de responder a questão lançada por Langacker (2008), buscamos analisar neste artigo as microconstruções de verbo-suporte com o verbo “deixar”, compreendendo que as categorias que instanciam os materiais lexicais e gramaticais são gradientes, uma vez que há, na rede de construções de que a categoria participa, nós mais centrais, e, portanto, mais representativos da categoria, e outros mais marginais, mais distantes do representante prototípico (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 74). Gradação é, então, uma propriedade da língua que evidencia a diluição das fronteiras categoriais e permite mostrar que, ao se adotar uma abordagem radial, há construções que não podem ser conceitualizadas como membros prototípicos da categoria de que fazem parte, porque estão em pontos da rede situados nas margens entre uma classe de construções e outra, como é o caso das microconstruções de verbos-suporte.

A discussão aqui proposta está ancorada nas premissas teóricas da Linguística

4 *No original*: “Where does lexicon stop and grammar begin?”.

Funcional Centrada no Uso [*Usage-Based Theory*], doravante, LFCU, mais especificamente nas propostas de Bybee (2016) e de Traugott; Trousdale (2013), para os quais a língua é concebida como sendo composta essencialmente por construções, definidas como unidades básicas, simbólicas e convencionais, que resultam de pareamentos de forma e de significado (GOLDBERG, 1995; 2006; LANGACKER, 1987). Nesse contexto, uma rede de construções é definida como multidimensional, uma vez que cada nó (construção) que a compõe constitui um complexo de estruturas formais e significativas.

Dessa forma, ao considerarmos a gramática como uma organização cognitiva de experiências com a língua (BYBEE, 2016, p. 28), entendemos que as construções, entre as quais estão nosso objeto de análise, emergem na língua inicialmente por meio de processos cognitivos específicos à linguagem, como o *chunking*, até se consolidarem e se convencionalizarem na língua, podendo se tornar (mais) esquemáticas, a ponto de atraírem outras microconstruções. Isso mostra que uma análise a contento das microconstruções em foco requer uma investigação de suas propriedades de esquematicidade, analisabilidade composicionalidade e produtividade, para que possamos comprovar a gradualidade e o comportamento distinto dessas microconstruções de verbo-suporte, que são muitas vezes tratadas como homogêneas.

Para alcançar tais objetivos, o artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção 2, discutimos os pressupostos teóricos da LFCU, visando a situar o nosso objeto de estudo nesse campo de investigação teórica; na seção 3, trazemos a metodologia e os parâmetros de análise. Na seção 4, apresentamos a descrição e a análise das microconstruções de verbo-suporte “deixar claro”, “deixar marcas” e “[não] deixar sombra de dúvida” no português. Por fim, trazemos as considerações finais, seguidas das referências.

2. Fundamentação teórica

A perspectiva teórica adotada neste artigo é a LFCU, que concebe o sistema e a estrutura linguística não como componentes inatos, mas derivados de processos cognitivos gerais, que se traduzem em ações comunicativas e interativas realizadas pelos usuários da língua nas mais diversas situações de interação social, produção e percepção em tempo real. Esta perspectiva teórica contempla tanto a abordagem construcional de Traugott; Trousdale (2013) quanto a abordagem cognitivo-funcional de Bybee (2016), já que ambas defendem que a unidade de análise nesses modelos é a construção e que as relações entre fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática não são estabelecidas de forma hierárquica ou modular, mas sim de forma integrada.

Para a LFCU (BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a estrutura linguística é compreendida como uma forma que emerge a partir da aplicação repetida dos processos cognitivos subjacentes à linguagem. Assim, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, apresentando as propriedades de gradiência e variação (BYBEE, 2016).

Quando se pensa na relação entre léxico e gramática, como formulada por Langacker (2008), não há como não falar em variação e em gradiência. Segundo Bybee (2016), a gradiência refere-se ao fato de que muitas categorias da língua e/ou da gramática são difíceis de distinguir, justamente porque a mudança ocorre de forma gradual, ao longo do tempo, movendo um elemento por toda a extensão do *continuum* de uma categoria para outra.

Já a variação refere-se, segundo a autora, ao fato de as unidades e estruturas linguísticas exibirem, em várias sincronias, formas alternativas, que podem levar, ao longo do percurso de mudança, à criação de gradiência entre essas formas.

Dessa maneira, pensamos na língua como uma estrutura mental que está em constante uso, filtrando-se através de atividades de processamento, as quais levam a língua a mudar. Essas atividades podem ser compreendidas como processos cognitivos.

Os processos cognitivos de domínio geral, que são próprios da cognição humana e que podem impactar o modo de representação da linguagem, podem ser, segundo Bybee (2016), organizados em seis tipos: *categorização*, *encadeamento (chunking)*, *memória enriquecida*, *analogia e associação transmodal*. Tais processos não são inerentes à língua, mas operam sobre ela. Nesse contexto, a maneira como processamos as informações na língua tem a ver com o modo como nós, usuários da língua, classificamos, categorizamos, memorizamos tudo o que está ao nosso redor e como recordamos de todos esses aspectos.

Esse fato mostra que nossa mente não é organizada em módulos compartimentados ou isolados; pelo contrário, ela é de natureza holística, ou seja, buscamos sempre compreender o que acontece a nossa volta com base na sua globalidade, por meio de analogias e da ativação de informações estocadas na nossa memória e das relações que vamos estabelecendo entre um acontecimento e outro a partir das experiências que temos durante as várias instâncias de comunicação (BYBEE, 2016).

Alinhando-se aos pressupostos de Bybee (2016), a abordagem construcional de Traugott; Trousdale (2013) define língua como uma rede de construções, as quais emergem na gramática a partir de novos pareamentos de forma e significado, com funções que podem ser, segundo os autores, de natureza referencial (quando a expressão é de caráter lexical, plena de conteúdo) ou procedural (quando a expressão passa a exercer alguma função relacional na gramática da língua). Conforme os autores, na perspectiva construcional, o material lexical pode, com o passar do tempo, vir a servir a funções gramaticais na língua, sendo por este motivo que as construções apresentam gradiência e encontram-se distribuídas em um *continuum* que vai do polo de conteúdo (lexical) para o polo de processamento (gramatical).

No que se refere, especificamente, à noção de construção, podemos listar as seguintes características: (i) as construções são convencionais porque só se estabilizam na língua quando são compartilhadas por um determinado grupo de falantes; (ii) são simbólicas porque são signos arbitrários (associações de forma-significado); e (iii) são unidades porque em

algum aspecto do signo elas são idiossincráticas (GOLDBERG, 1995) ou são tão frequentes (GOLDBERG, 2006) de modo que o signo está enraizado na mente dos usuários da língua (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1).

Assim, considerando os pressupostos teóricos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) consideram que a construção é definida como:

(1) [[F] ↔ [S]] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 8)⁵

Em (1), F [Forma] diz respeito às propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas da construção, ao passo que S [Significado] diz respeito às propriedades discursivas, semânticas e pragmáticas. Ademais, as construções, segundo Traugott; Trousdale (2013) e Bybee (2016), apresentam as seguintes propriedades: esquematicidade, produtividade, composicionalidade e a analisabilidade.⁶ Todas são gradientes e medidas através de graus:

Quadro 1. Propriedades construcionais

Propriedade	Conceito
<i>Esquematicidade</i>	Diz respeito ao grau de abstratização de uma construção, sendo uma propriedade da categorização. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias (linguísticas ou não). Então, os esquemas linguísticos são grupos gerais abstratos e semânticos de construções (conteudísticas ou procedurais).
<i>Produtividade</i>	Diz respeito ao grau de extensibilidade (BARDDAL, 2008) e também ao limite de uma construção (BOAS, 2008). A noção de produtividade está relacionada à frequência <i>token</i> (o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto) e à frequência <i>type</i> (o número de expressões diferentes que um padrão particular tem).
<i>Composicionalidade</i>	Diz respeito à extensão de significado de uma construção, isto é, o grau de transparência ou opacidade da ligação entre forma e significado. Quando o significado é composicional, isto é, o significado da construção é derivado da soma das subpartes que a compõem, dizemos que ela ainda possui transparência semântica; por outro lado, quando o significado é não-composicional, o sentido decorre do todo da construção, dizemos, portanto, que ela é opaca.
<i>Analisabilidade</i>	Diz respeito ao “reconhecimento da contribuição que cada componente dá à conceitualização composta” (LANGACKER, 1987, p. 292). A analisabilidade incluiria o reconhecimento do usuário da língua das palavras e morfemas individuais de uma expressão assim como de sua estrutura morfossintática.

Fonte: Elaboração própria a partir de Traugott; Trousdale (2013) e de Bybee (2016).

5 No original: [[F] ↔ [M]].

6 Traugott; Trousdale (2013) consideram a analisabilidade como um tipo de composicionalidade, no entanto, tratamos as duas como distintas, conforme Bybee (2016). Ademais, a autora assume outras duas propriedades construcionais, a autonomia e os efeitos prototípicos, que não serão tratadas aqui.

Depois de definirmos o conceito de construção e suas propriedades, trataremos a seguir sobre as relações (ou elos) de herança. Goldberg (1995) argumenta que as construções que compõem uma rede são ligadas por relações de herança, as quais motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalizações através das construções enquanto ao mesmo tempo nos permite pensar em subregularidades e exceções (GOLDBERG, 1995, p. 67).

Nesse tipo de elo, cada nó herda propriedades de nós dominantes, ou seja, nós mais específicos (microconstruções) apresentam propriedades de herança dos nós mais gerais (subesquemas ou esquemas) da rede. Goldberg (1995, p. 72) diz que esse tipo de ligação é assimétrico, uma vez que “a construção A motiva a construção B se, e somente se, B herda de A.”⁷

Em suma, as construções, pensadas como portadoras de elos de herança, têm uma estrutura interna, se relacionam hierarquicamente e podem emergir a partir de esquemas produtivos mais gerais. Em vista disso, objetivamos evidenciar os elos de herança das microconstruções de verbo-suporte aqui estudadas e compreender o compartilhamento de propriedades de forma e de significado entre elas.

Para a abordagem construcional, quando a mudança linguística ocorre na língua, ela pode afetar tanto a forma quanto o significado de uma construção, nos seguintes moldes: (i) se a mudança afeta apenas a forma ou o significado de uma construção, sem levar a uma especialização da sua funcionalidade, tem-se, nesse caso, o que Traugott e Trousdale (2013, p. 20-23) chamam de *mudança construcional*,⁸ que representa uma sucessão de mudanças que pode ocorrer antes ou depois da construcionalização (na pré-construcionalização e na pós-construcionalização); por outro lado, (ii) se a mudança afeta, ao mesmo tempo, a forma e o significado de uma construção, o que se tem é um caso de *construcionalização*, que pode ser de natureza lexical ou gramatical, e se caracteriza exatamente pelo fato de tal processo implicar a emergência de uma construção com nova funcionalidade na língua, em que se percebe que sua atuação funcional difere-se de outras construções já existentes na língua.

Em resumo, os dois tipos de construcionalização podem ser sintetizados como construcionalização gramatical e construcionalização lexical, em que o primeiro tipo de construcionalização se refere à emergência de um nó procedural, ao passo que o segundo tipo (a lexical) se refere à criação de um nó conteduístico na rede linguística.

(i) *A construcionalização gramatical envolve aumento de produtividade e esquematicidade, mas diminuição da composicionalidade.*

⁷ *No original: construction A motivates construction B if B inherits from A.*

⁸ *A consequência da produção/processamento é o construto, o locus da inovação individual, seguida de convencionalização (a adoção pela população). A mudança construcional começa quando novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo, ou seja, quando a replicação de tokens leva a categorizações provisórias que não estavam na língua dos usuários (visto como novo).*

A sucessão de mudanças ocorridas com o *partitivo* “a lot” > *quantificador* “a lot of” resultou em uma construcionalização gramatical. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 26), essa mudança deu origem a uma microconstrução com nova forma e novo significado, que é mais procedural do que sua forma fonte, uma vez que o SN “a lot” perdeu bastante significado contedístico (nominal), tornando-se procedural tanto no que se refere ao significado (que passou de partitivo para quantificador) quanto no que se refere à estrutura (que passou de unidade mais integrada para modificador).

No século 19, começam a aparecer no inglês, segundo Traugott e Trousdale (2013), usos quantitativos de “a lot of” relacionados a nomes concretos e abstratos.

(2) a. *There was **a lot of** people round him.*

“Havia muitas pessoas ao redor dele.”

b. *The keeper will have **lots of** time to get round by the ford.*

“O goleiro terá muito tempo para superar a rasteira.”

(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 115).

Posteriormente, já na segunda metade do século 19, os usos quantitativos de “a lot of” com substantivos abstratos tornam-se mais frequentes na língua:

(3) a. *He had battled with it like a man, and had **lots of** fine Utopian ideas about the perfectibility of mankind.*

“Ele tinha lutado com isso como um homem e tinha muitas ideias utópicas sobre a perfectibilidade da humanidade.”

b. *He is only young, with **a lot of** power.*

“Ele é apenas jovem, com muito poder.”

(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 115).

Tempos mais tarde, o quantificador “a lot of” passa a ser usado também com nomes no gerúndio, o que reforça o seu processo de convencionalização na língua.

(4) *The horses needed **a lot of** driving.*

“Os cavalos precisavam de muita condução.”

(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 115).

Como se pode verificar, a construcionalização gramatical de “a lot of” ocorreu de forma gradual no inglês, ampliando, com o passar do tempo, a frequência de uso e a natureza semântica dos tipos de estruturas nucleares que poderiam ser modificadas pelo quantificador “a lot of”: de substantivos concretos (como *pessoas, casas*), mais relacionados ao universo biossocial do falante, “a lot of” passou a ser usado para quantificar também substantivos abstratos, como *tempo, ideias, poder e sentimento*.

(ii) *A construcionalização lexical pode envolver tanto o aumento quanto a diminuição de produtividade e esquematicidade. A depender do tipo de construção lexical, a composicionalidade também pode aumentar ou diminuir.*

A existência de gradiência pode ser observada quando comparamos instâncias do mesmo subesquema. Por exemplo, [spring/water] significa “água de fonte”, mas [toilet/water] pode significar “água perfumada”, e não “água de banheiro”. Essas diferenças, segundo Traugott; Trousdale (2013, p. 166), podem estar relacionadas a questões de herança e de sobreposições. O significado convencional do subesquema [[X| water] - [‘water in or from X’]], como em *bath|water*, *tap|water* e *spring|water* acaba se sobrepondo em casos particulares, como em *toilet|water* (perfume) e *tonic|water*, que significa “bebida gaseificada aromatizada com quinina”.

Outro caso interessante de gradualidade composicional é exemplificado pelas seguintes expressões: [parts of X] (partes de X) e [X-parts] (X-partes). [parts of X] (partes de X), é composicional e se refere a entidades (*pedaços de algo*), como pedaços de carne encontrados em frigoríficos, pedaços de madeira encontrados nas matas, ou ainda, pedaços de alimentos encontrados em lixeiras. Já [body/parts], em inglês, são nomes de muitas partes do corpo, como pernas, braços, cabeça etc. Apesar de envolverem os mesmos elementos lexicais, o significado de cada uma das construções é diferente, pois, no primeiro caso, tem-se uma ideia de parte do todo (partitivo), enquanto no segundo caso tem-se apenas uma ideia de designação de partes do corpo. Uma situação diferente ocorre, segundo Traugott; Trousdale (2013, p. 167), no caso de [parts of speech] (“partes do discurso”). Esta é uma construção que mantém a mesma estrutura [parts of X] (partes de X), mas o significado dela é nitidamente menos composicional do que o da expressão [parts of body] (*partes do corpo*), até porque o discurso (“speech”) não pode ser fracionado em nomes, verbos etc. Nesse caso, não há uma relação de equivalência entre *speech* (discurso)| *parts*(partes).

Além dos processos cognitivos de categorização, encadeamento (*chunking*) e memória rica, a criação de novas construções ou de novos nós que são acoplados à rede construcional da língua envolve também os mecanismos de analogização e neoanálise. Neste artigo, trataremos especificamente do primeiro tipo, cuja atuação é central na construcionalização das microconstruções de verbo-suporte em análise e na atribuição destas como membros do esquema transitivo [SUJ V_{TR} OBJ].

Vale lembrar que na abordagem clássica dos estudos de gramaticalização (GR), esse mecanismo era tratado como analogia; no entanto, Traugott; Trousdale (2013) buscam estabelecer uma distinção entre mecanismos de mudança e motivações para a mudança, evitando, assim, uma ambiguidade entre pensamento (motivação) e mudança centrada em um padrão correspondente (mecanismo). Então, “a analogização é um mecanismo ou processo de mudança que acontece em correspondência, nos pares: forma e significado, que não existiam antes”⁹ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 38).

⁹ *No original: analogization is a mechanism or process of change bringing about matches of meaning*

Dessa forma, para que possamos compreender a gradiência e o processo de convencionalização das microconstruções de verbo-suporte aqui investigadas, é necessário analisar as propriedades formais e funcionais que configuram tais expressões, tais como a produtividade, a esquematicidade, a analisabilidade e a composicionalidade, de modo que seja possível identificar as diferenças entre as microconstruções [deixar claro], [deixar marcas] e [deixar sombra de dúvida], bem como alocá-las em uma escala que considere a gradualidade do *continuum* conteúdo-processo.

3. Corpus de pesquisa e procedimentos metodológicos

A pesquisa apresentada aqui, que é de natureza qualitativa e quantitativa, adota em especial a perspectiva teórica da LFCU (BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). No âmbito da LFCU, a língua é concebida como uma rede de construções, que se organizam a partir de diferentes tipos de elos. Tais construções são definidas como unidades simbólicas e convencionais, resultantes de pareamentos de forma e de significado (GOLDBERG, 1995; LANGACKER, 1987).

Para a realização da pesquisa, utilizamos o *Corpus do Português*, organizado por Davies; Ferreira (2006; 2016), que é constituído por quatro subamostras: (i) a subamostra *Gênero/Histórico*, com 45 milhões de palavras, que inclui textos do português brasileiro e do português europeu; (ii) a subamostra *Web/Dialetos*, com 1 bilhão de palavras, que inclui textos de 4 variedades diferentes do português (Brasil, Angola, Moçambique e Portugal); (iii) a subamostra *Now*, com 1 bilhão e 100 mil palavras, que inclui textos atualizados da internet, oriundos de revistas e jornais publicados em português; (iv) e a subamostra *Word/Phrase*, com 40 mil palavras, que permite verificar a frequência de cada palavra no interior do *corpus*, composto apenas por textos em português.

Para este artigo, escolhemos a subamostra denominada *Web/Dialetos*, que é composta por textos de revistas, jornais e blogues publicados em português em diferentes países (Brasil, Angola, Moçambique e Portugal). A análise e a discussão sobre as microconstruções de verbo-suporte que apresentamos aqui se referem unicamente à variedade do português brasileiro, uma vez que o objetivo da pesquisa não é, neste momento, desenvolver um estudo comparativo entre as variedades da língua. A tabela abaixo mostra o quantitativo de palavras para cada variedade do português (considerando os dois diferentes tipos de gêneros textuais/suportes: geral e blogues):

and form that did not exist before.

Tabela 1. Composição da Subamostra Web/Dialetos do *Corpus do Português*

País de origem	Tipos de Gêneros textuais		Total
	Geral	Blogues	
Brasil	319,435,592	336,244,918	655,680,510
Portugal	136,144,529	190,503,822	326,648,351
Angola	17,877,399	17,255,595	35,132,994
Moçambique	16,936,743	15,070,829	32,007,572
TOTAL	490,394,263	559,075,164	1,049,469,427

Fonte: Elaboração própria com base nas informações de Davies e Ferreira (2006; 2016)¹⁰.

O levantamento completo de microconstruções de verbo-suporte (“deixar claro”, “deixar marcas” e “deixar sombra de dúvidas”) efetuado na subamostra Web/Dialetos, na variedade do português do Brasil, totalizou: 16.163 ocorrências da microconstrução “deixar claro”, 1.296 ocorrências da microconstrução “deixar marcas” e 9 ocorrências da microconstrução “deixar sombra de dúvidas”. No entanto, para este artigo, fizemos um recorte na subamostra escolhida e selecionamos apenas 5% do total de ocorrências da subamostra, ou seja, selecionamos apenas as 875 ocorrências iniciais da subamostra, por meio da ferramenta de “contexto aleatório”, que permite obter exemplares dos mais variados contextos de uso (nos dois diferentes tipos de gêneros textuais), tendo em vista o total de textos da subamostra. Essas ocorrências fazem menção apenas aos séculos XX e XXI do português.

As ocorrências selecionadas, a partir do recorte efetuado no total de dados encontrados na subamostra como um todo, foram analisadas a partir de quatro parâmetros de investigação (esquematicidade, analisabilidade, composicionalidade e produtividade), organizados com base nos pressupostos teóricos de Bybee (2016) e Traugott; Trousdale (2013).

Ao considerar esses parâmetros, almejamos verificar o processo de consolidação e gradualidade das microconstruções de verbo-suporte ([deixar claro], [deixar marcas] e [deixar sombra de dúvidas]), de modo a ser possível comprovar que, apesar de serem tratadas como pertencendo a mesmo grupo, tais microconstruções apresentam graus distintos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, que justificam sua alocação em pontos distintos do *continuum* de gradualidade de conteúdo-processo.

O quadro 2, a seguir, ilustra os parâmetros de análise:

Quadro 2. Parâmetros de análise das microconstruções de verbo-suporte

Esquematicidade
Verificar se há algum material interveniente, como advérbios intensificadores, entre o verbo e os sintagmas complementos, a fim de aferir o grau de esquematicidade do subsquema construcional ao qual essas microconstruções se integram.
Analisabilidade
Verificar se é possível reconhecer, morfossintaticamente, os elementos que compõem as microconstruções de verbo-suporte em termos de contribuição para o significado.

¹⁰ Essas informações estão disponíveis em www.corpusdoportugues.org/web-dial/.

Composicionalidade
Verificar se a microconstrução de verbo-suporte sofre algum tipo de perda de transparência semântica, tornando-se mais opaca e específica, ou seja, o objetivo é verificar se essas microconstruções apresentam um mesmo grau de composicionalidade (ou se uma é mais composicional e outra é mais não-composicional/substantiva).
Produtividade
Verificar se as microconstruções de verbo-suporte em apreço são todas produtivas ou se há alguma delas que seja mais ou menos produtiva na língua e qual seria a razão.

Fonte: Elaboração própria.

4. Descrição e análise das microconstruções com o verbo-suporte “deixar”

4.1. A categoria de verbo-suporte no português

A categoria verbal instancia subcategorias como as de verbo pleno, verbo de ligação, verbo auxiliar, dentre outras. No interior dessa categoria está a subcategoria de verbo-suporte, que se encontra em uma situação gradiente (entre conteúdo e processo):

[...] uma combinação especial de um verbo semanticamente leve (que não tem carga relevante de significado) com um sintagma nominal na posição de objeto, de forma que essa combinação dá margem a um novo significado que não está diretamente relacionado com os significados de seus constituintes. [...] os verbos-suporte são assim chamados porque dão suporte ao substantivo predicado na construção do significado de construções do tipo *verbo + sintagma nominal*. (CHISHMAN; ABREU, 2014, p. 155-156).

As construções de verbo-suporte são, portanto, construções verbais que se diferenciam de construções predicativas prototípicas (com verbo pleno), por serem menos composicionais em termos de significado (já que o significado da construção se dá pela soma de um verbo semanticamente leve e de um sintagma nominal), mas que preservam as características de transitividade encontradas em construções predicativas com verbo pleno, como se pode verificar nas ocorrências abaixo:

- (5) *Ontem, mais uma vez, [...] o Maracanã/BNB Clube que manda nos jogos em Fortaleza mas é da cidade de Maracanaú (Região Metropolitana) saiu na frente do marcador após bela jogada de Alisson, que **deixou** o marcador no chão após drible desconcertante [...].* (20<http://artilheiro.com.br/noticia.asp?id=36431>).
- (6) *E existem amigos que são como aquelas estradas que desapareceram, não existem mais, mas que sempre ligam a nossa emoção até a saudade, saudade de uma paisagem, um pedaço daquela estrada, que **deixou** marcas profundas em nosso coração. Foram, mas ficaram impregnados em nossa alma.* (20<http://ad-mensagensdeamor.blogspot.com/p/reflexao.html>).

Como se pode observar, em (5), o verbo “deixar” atua como verbo pleno (principal)

de uma estrutura predicativa, estabelecendo relação entre os termos argumentais “Alisson” e “marcador”. Já em (6), o verbo “deixar” integra uma construção de verbo-suporte, em que o sentido abstrato de “marcar”, “lembrar” ou “guardar” algo nas lembranças/na alma de alguém emerge da combinação do verbo “deixar” com o sintagma nominal “marcas”. Nesse caso, a microconstrução “deixar marcas” encontra-se em um rápido processo de consolidação na língua, tornando-se mais procedural.

A categoria de verbo-suporte é altamente produtiva na língua, pois ela serve a uma função procedural (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), que consiste no estabelecimento de relação de transitividade entre termos argumentais. Esse tipo de construção de verbo-suporte pode ser também encontrado na língua com outros verbos, tais como “fazer”, “dar”, “tomar”, “ter”, entre outros, seguidos de um sintagma nominal (SN) ou de um sintagma preposicional (SPrep, como em: “dar de topa”, “deixar de lado”). Assim, essas construções de verbo-pleno adquirem um significado autônomo com função predicativa, podendo ou não ter seu correspondente pleno simples (como em: *deixar marcas* = *marcar*). Vejamos, abaixo, a título de exemplo, duas construções de verbo-suporte, “dar início” e “fazer pergunta”, que podem ser substituídos pelos verbos plenos correspondentes:

(7) *A polícia está investigando o caso e vai **dar início** ao processo de divulgação dos dois últimos foragidos.* (20acritica.uol.com.br).

(8) *“É melhor não **fazer pergunta** nenhuma, se é o que estou pensando, não vou responder.”* (20blogvtudo.wordpress.com).

As construções de verbo-suporte acima podem ser, aparentemente, parafraseadas e/ou substituídas pelos seguintes verbos “iniciar” e “perguntar”, respectivamente:

(7’) *A polícia está investigando o caso e **iniciará** o processo de divulgação dos dois últimos foragidos.* (Exemplo adaptado).

(8’) *“É melhor não **perguntar** nada/ou coisa alguma, se é o que estou pensando, não vou responder.”* (Exemplo adaptado).

Há, entretanto, casos em que as construções com verbo-suporte carregam noções aspectuais e não podem ser substituídas ou parafraseadas por verbos simples. Vejamos:

(9) *Tenho 22, espero chegar aos 40 tão bem quanto você (sua pele esta melhor que a minha hahah), eu te daria no máximo 30! já ganhou uma nova leitora, tenho vindo aqui pra ler os posts mais antigos tb, todo dia hahah Eu entendo essa política dos comentários porque você esta sendo muito disponível mesmo! Eu vou **dar uma perguntada** para o vendedor sim. Eu estou usando um protetor manipulado que é antialérgico (não sei dizer se é 100 % físico, mas é um pavor [...])* (20http://saladamedica.wordpress.com/2013/04/10/melasma-choros).

A ocorrência (9) ilustra um caso em que a construção formada pelo padrão construcional “Dar+X-ada” expressa o valor aspectual de duratividade (MACHADO VIEIRA, 2016; GONÇALVES, 2005; TRAVAGLIA, 1985). Nesse caso, a construção já parece ter se especializado no português brasileiro na veiculação de noção aspectual, o que não se faz presente em casos em que o correspondente verbal simples “perguntar” opera. Segundo Machado Vieira (2016), construções do tipo “dar uma freadinha”, em (10), e “dar uma printada”, em (11), instanciadas pelos padrões construcionais “DAR + X-ada” e “DAR + X-adinha”, “já se convencionalizaram no Português Brasileiro como pareamentos que envolvem, no polo de funcionalidade, a marcação de aspectualidade”. Para Travassos (2016 *apud* MACHADO VIEIRA, 2016, p. 160), essas construções com verbo-suporte têm sido usadas para expressar as noções aspectuais de “momentaneidade/pontualidade”, “duratividade breve” ou “superficialidade”, que, segundo a autora, já parecem ter se convencionalizado no português brasileiro.

(10) “*O que é que nós vamos fazer? Ora, nós investimos até aqui 61% do que foi investido nos anos anteriores. Vamos **dar uma freadinha** para a gente poder terminar o ano bem*”, disse a secretária Aracilba” (MACHADO VIEIRA, 2016, p. 159).

(11) Para **dar uma “printada”** (não confunda) é preciso apertar *command+shift+3*. Para dar um print melhor, aperte *command+shift+4*, e selecione a área do print. (MACHADO VIEIRA, 2016, p. 159).

Diferentemente do que se vê em (9), cuja função da construção é indicar a noção de duratividade (diminutiva/breve, segundo Gonçalves, 2005) de um evento [ato de perguntar], em (10) e (11) o valor veiculado pelas construções de verbo-suporte está mais próximo da noção aspectual de momentaneidade/pontualidade. Em alguns usos dessas construções, nos quais se verifica a presença do diminutivo, pode-se ter, conforme aponta Machado Vieira (2016), a indicação de uma espécie de atenuação ou superficialidade do valor expresso no enunciado.

Dessa forma, ainda que essas construções apresentem um mesmo padrão construcional (SOUZA; PREZOTTO JR., 2017), acreditamos que elas evidenciam diferentes graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, já que elas se comportam de maneiras distintas, conforme veremos na análise, aos testes de verificação do modo de organização morfossintática, ao grau de transparência semântica e ao aumento ou diminuição da frequência dessas construções na língua (SOUZA; PREZOTTO JR., 2017, p. 41; PREZOTTO JR., 2016), o que nos permite pensar, inicialmente, que há construções de verbo-suporte mais e menos gramaticais (MACHADO VIEIRA, 2014) e outras que são lexicais (idiomáticas ou cristalizadas).

Advogaremos em prol da tese de que tais construções de verbo-suporte emergem na língua para atender a novas necessidades comunicativas do falante, o que se explicaria pelo caráter especializado dessas construções. Elas seriam, segundo Traugott; Trousdale (2013), resultado de um novo pareamento de forma-significado, uma vez que essas construções de verbo-suporte apontam para certas funcionalidades na língua que não se verificam com os casos de verbos plenos (simples).

Nesse caso, a “construção emergente é de natureza puramente gramatical ou processual, como a de um predicador que ainda seleciona argumentos” (SOUZA; PREZOTTO JR., 2017, p. 41).

4.2. Relações de herança das microconstruções de verbo-suporte com “deixar”

As microconstruções [deixar claro], [deixar marcas] e [deixar sombra de dúvida] apresentam características formais semelhantes às aquelas descritas em (7), (8), (9) e (10); no entanto, em termos funcionais, o significado (aspectual) é diferente. Observemos as ocorrências a seguir do português, instanciadas pelo esquema [SUJ +V_{TR} +OBJ]:

- (12) *Bom eu vou ganhar jogos de graça (não eu te o pagando mas ei 2 jogos legais por mês? nada mal!) a ideia pegou tão bem que a MS esta seguindo o modelo (que ora vejam só, eles o dominavam quando se tratava de o 360). Always on? A Sony já **deixou claro** que vai manter o VG constantemente atualizado, mas você não vai ficar impedido de usar seu VG offline, apenas não vai manter o mesmo “« em dia “» [...] (20http://adrenaline.uol.com.br/games/noticias/).*
- (13) *Aquela velha dor em o peito não nos deixa esquecer e, pra falar a verdade, nem sempre a gente deseja curar- la. Não faz sentido, mas quem já sentiu entende. (Jullie Souza) Intenso é tudo aquilo que **deixa marcas** no nosso coração, difíceis de apagar. (20http://apenasplanos.tumblr.com/).*
- (14) *Qualquer pessoa que declare ler o Blogueira Shame é imediatamente taxada de “« gente de o mal “» por esses que não gostam de o Blogueira Shame. Acho que a Shame precisa sim se reformular, sobretudo em a parte de os comentários, mas acho que as blogueiras precisam ter humildade e reconhecer que um trabalho bem feito, honesto e transparente **não deixa sombra de dúvida**. (20http://dechanelnalaje.wordpress.com/2011/12/20/me-revirei-na-minha-tumba/)*

As ocorrências dadas em (12) e (13) fazem jus à propriedade organizacional da gramática, uma vez que constituem uma microconstrução de verbo-suporte que opera no polo gramatical da língua. Além disso, essas construções apresentam um caráter não-discreto das categorias, haja vista que a subcategoria de verbo-suporte não possui os traços prototípicos da subclasse de verbo pleno e também não possui os traços da subclasse de verbo auxiliar, mas integra a categoria mais genérica do verbo. A ocorrência (14), por sua vez, apesar de ser instanciada pelo mesmo esquema construcional [SUJ +V_{TR} +OBJ], é de natureza não-composicional, que apresenta um significado específico que emerge do todo da construção, ou seja, trata-se de uma construção de natureza mais lexicalizada.

Algumas construções de verbo-suporte possuem correspondentes com verbos plenos simples, tais como “dar explicações”, que pode ser substituída por “explicar”, porém, outras construções já estão bastante cristalizadas na língua, de modo que o uso de um verbo simples

pode soar estranho para o usuário da língua. A construção de verbo-suporte “tomar banho”, por exemplo, já se cristalizou na língua, sendo, pois, muito frequente no português brasileiro. São raros os casos em que o falante utiliza o verbo simples “banhar-se” para fazer menção ao evento de “tomar banho”. O mesmo parece ocorrer com as microconstruções de verbo-suporte analisadas neste artigo.

No quadro 3, encontram-se algumas diferenças entre os usos de “deixar claro”, “deixar marcas” e “deixar sombra de dúvida” e seus possíveis correspondentes verbais plenos:

Quadro 3. Caracterização das microconstruções de verbo-suporte com “deixar”

Deixar claro	Não carrega necessariamente o mesmo significado de “esclarecer”, que seria o verbo pleno mais próximo do significado veiculado pela expressão. O verbo “esclarecer”, segundo o dicionário Aurélio (versão online), significa: <i>iluminar, fazer ficar claro; compreender, tornar elucidativo; distinguir, tornar importante; explicar, dar esclarecimentos ou dar explicações ou fundamentos</i> . A microconstrução de verbo-suporte “deixar claro” significa: tornar indubitável, tornar evidente, retirar dúvida sobre qualquer coisa, esclarecer algo. Apesar de o verbo pleno e a microconstrução de verbo-suporte com “deixar” compartilharem traços semânticos, a de verbo-suporte parece implicar a ideia de exatidão, ênfase ou saliência sobre a realização de algo ou distinção de fases (antes alguma coisa era nebulosa, agora é mais evidente), o que apontaria para a ideia de que tal microconstrução estaria relacionada à noção de aspecto inceptivo (como em “passar a dizer”) ou pontual, a exemplo do que propõe Machado Vieira (2016).
Deixar marcas	Também parece se diferenciar em termos de significado do verbo pleno “marcar”, uma vez que a microconstrução de verbo-suporte parece carregar a ideia de impressão (Dicionário Aurélio), de algo que vai ocorrendo aos poucos (e de forma reiterada, principalmente quando a expressão é grafada no plural) e que aponta para a expressão de fatos mais abstratos (ligados à alma, sentimento, coração e afins). Nesse caso, a microconstrução de verbo-suporte “deixar marcas” parece se alinhar, de alguma forma, à expressão de valor aspectual que aponta para repetição ou duração de algo. Já o verbo “marcar” é mais usado com o sentido de “marcar algo”, “deixar traços”, “imprimir um sinal” ou “indicar algo” etc. Apesar das diferenças, entendemos que essa microconstrução apresenta um comportamento semelhante às construções analisadas por Machado Vieira (2016).
[não] deixar sombra de dúvidas	Possui um significado específico na língua, isto é, essa microconstrução é entendida como uma expressão idiomática, cujo significado não resulta da soma das subpartes que compõem a expressão, mas sim do todo da construção. Nesse contexto, o significado da construção não tem a ver com algo que faz sombra sobre algo ou alguém, mas sim com a ideia de certeza. Em outras palavras, essa microconstrução é usada quando alguém tem plena certeza sobre algo ou alguém. Ela é de natureza lexical, é diferente das outras duas microconstruções que são de natureza gramatical, pois ainda operam na organização da gramática da língua.

Fonte: Elaboração própria.

Conforme se pode verificar, mesmo que tais construções e os verbos plenos correspondentes

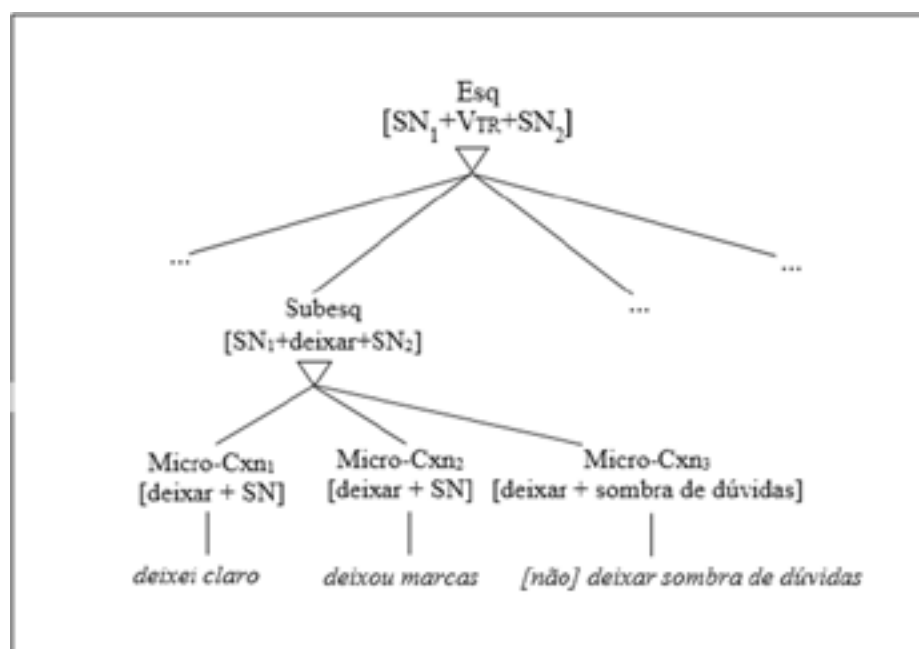
apresentem valores distintos e operem em lugares diferentes da gramática, eles apresentam traços semânticos e formais em comum. No tocante à abordagem teórica aqui utilizada, tais traços em comum são aqui entendidos como relações de herança que as microconstruções analisadas possuem com o esquema transitivo do português. A partir dessas relações, compreende-se que “não existe construção totalmente nova, mas existirá sempre uma ligação, mesmo que mínima, com alguma característica de algum nó.” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 58).

Em vista disso, os nós construcionais mais específicos (microconstruções de verbo-suporte) apresentam propriedades de herança de nós construcionais mais gerais (esquema transitivo). Em uma perspectiva *bottom-up*, as microconstruções, localizadas em um nível mais baixo, herdam a estrutura argumental da construção transitiva do verbo “deixar” pleno (subesquema), a qual, por sua vez, herda propriedades da construção transitiva ainda mais esquemática do português (esquema).

Nesse contexto, a estrutura argumental é preservada, com o complemento do verbo “deixar” representado por um sintagma nominal com função de objeto; no entanto, esse elemento não é totalmente livre como outros objetos em uma construção oracional transitiva prototípica. Esse sintagma nominal tem uma relação de dependência com o predador, assegurando, assim, uma significação específica para o complexo.

A figura 1 ilustra a relação de herança existente entre as microconstruções de verbo-suporte e o esquema transitivo do português:

Figura 1. Hierarquia taxonômica das relações de herança das microconstruções de verbo-suporte com o verbo “deixar”



Fonte:Elaboração própria.

Depois de definirmos as microconstruções de verbo-suporte e de como elas estão ligadas,

via analogização, na rede linguística, estabelecendo elos de herança com o esquema transitivo do português, passamos, agora, a analisar as propriedades das microconstruções de verbo suporte com “deixar”.

4.3. Análise das propriedades das microconstruções de verbo-suporte com “deixar”

4.3.1. Grau de esquematicidade

Segundo Traugott; Trousdale (2013), as construções que compõem a rede hierárquica de qualquer língua formam esquemas e subesquemas, apresentando diferentes graus de esquematicidade, isto é, as construções podem ser abertas (esquemáticas), semiabertas (intermediárias) ou fechadas (substantivas). Esses graus se definem pelo aumento da abstração da construção na medida em que há restrições na seleção de elementos para preencher os *slots* disponíveis na construção.

Dessa maneira, pensando em uma escala de esquematicidade para as construções aqui analisadas, postulamos que as microconstruções de verbo-suporte são parcialmente esquemáticas no português brasileiro, uma vez que “elas vêm com algumas partes fixas e algumas posições que podem ser preenchidas com uma categoria de itens semanticamente definidos.” (BYBEE, 2016, p. 68). Em outros termos, defendemos a tese de que as microconstruções de verbo-suporte “deixar claro” e “deixar marcas” são instanciadas por um subesquema construcional parcialmente esquemático [deixar + SN], em que o *slot* V é sempre preenchido pelo verbo “deixar” e o SN pode ser preenchido por qualquer substantivo ou adjetivo que faça parte do mesmo paradigma. O quadro 4 exemplifica o caráter aberto do *slot* SN no português brasileiro:

Quadro 4. Esquematicidade das construções de verbo-suporte “deixar claro” e “deixar marcas”

$[V_{TR} + SN]$
$[deixar + SN]$
claro
evidente
especificado
definido
(n...)
$[deixar + SN]$
marcas
rastros
dúvidas
vestígios
(n...)

Fonte: Elaboração própria

Além disso, outro fato que corrobora a natureza parcialmente esquemática e maleável das construções de verbo-suporte em análise é a possibilidade de encontrar material interveniente entre o verbo e os sintagmas nominais que compõem o complexo verbo-nominal das construções. Como se pode verificar, em (15), observa-se a presença do advérbio intensificador “muito” entre o verbo e o sintagma nominal, e, em (16), nota-se um caso de pronome indefinido “algumas” operando nos limites do verbo e do sintagma.

(15) *Esse teu texto **deixa muito claro** que as mulheres não são as únicas vítimas de o machismo, mas os homens também padecem com isso. (20**blogueirasfeministas.com**).*

(16) *Esses movimentos nunca passam completamente em branco, eles **deixam algumas marcas** e alguns comportamentos começam a ser revistos, ainda que lentamente. (20**imil.org.br**).*

Outro aspecto a ser considerado no que tange à esquematicidade dessas microconstruções é a possibilidade de flexionar o sintagma nominal em gênero:

(17) *“**Deixei minha posição muito clara**. Qualquer medida que financie o governo tem que incluir a segurança na fronteira”, disse Trump no evento. (20**https://www.mixvale.com.br/2018/12/21/camara-dos-eua-aprova-2/**).*

(18) *Nesse momento, Angélica se revoltou. “Eu não aceito alguém falar que não falou de ninguém pelas costas, quando, na verdade, fez isso. Eu já fiquei muito calada na casa. De repente, se tivesse falado, teria ficado mais tempo no BBB. Mas eu não fui ‘leva e trás’. Sempre **deixei meu posicionamento muito claro**. E caráter pra mim é muito mais importante que um milhão”, falou, indignada. (20**gshow.globo.com/programas/mais...**).*

E em número, como se vê em (19) e (20):

(19) *Rafael Silva diz que **deixou marca** no Vasco. (20**https://videos.band.uol.com.br/**).*

(20) *Os empréstimos linguísticos são importantes na constituição do português do Brasil porque **deixaram marcas** da história vivida pela nação, como a colonização e a imigração. (20**https://descomplica.com.br/gabarito**).*

Os dados catalogados mostram que, apesar de permitirem flexão de número e gênero e também a inserção de certos elementos entre V e SN, as microconstruções “deixar marcas” e “deixar claro” parecem ter se consolidado com sua expressão no tempo presente na terceira pessoa do singular, como “deixa claro” e “deixa marcas”.

Quanto à microconstrução “[não] deixar sombra de dúvidas”, o que se verifica é que, em termos de esquematicidade, ela apresenta uma natureza mais fechada (ou substantiva), tendo em vista que tal microconstrução não permite com frequência a substituição de suas subpartes por outros elementos, o que apontaria para um caráter mais cristalizado ou idiomatizado dessa microconstrução. Nesse caso, essa microconstrução dificilmente permitiria alguma operação

de derivação ou flexão de grau “*deixar uma sombrinha de dúvida”. No máximo, o que ela possibilita é a flexão de número, como em “deixar sombras de dúvida” ou “deixar sombras de dúvidas”. Assim, essa microconstrução de verbo-suporte seria mais classificada como um caso de construcionalização lexical, exatamente porque parece ser reconhecida pelo falante como um tipo específico de construção com sentido específico.

4.3.2. Graus de analisabilidade

Esse parâmetro objetiva verificar o grau de analisabilidade das microconstruções de verbo-suporte em apreço, isto é, esse parâmetro permite aferir o grau de reconhecimento do falante da contribuição de cada elemento para a formação conceitual dessa microconstrução. Uma construção, nesse caso, pode ser analisável, parcialmente analisável ou não analisável, a depender do modo como as subpartes contribuem para o significado da construção.

As ocorrências, a seguir, mostram que, apesar de comporem microconstruções de verbo-suporte, com sentidos um pouco diferentes do que se observa em construções predicativas com verbos plenos, tais microconstruções possibilitam ao falante reconhecer a contribuição morfosintática de cada elemento para a formação de construção, diferentemente do que se verifica, em (23), cujo grau de analisabilidade é bem menor, uma vez que a microconstrução “deixar sombra de dúvida” possui um caráter mais idiomatizado.

(21) *A forma como você se expressa **deixa bem claro** que você é sim contra o Espiritismo, não sei se é contra outras religiões. (20arquivoconfidencial.blogspot.com).*

(22) *Entrando em o terceiro ano de seu mandato, a presidenta já **deixou marcas** muito fortes em sua atuação como centro de o poder político na democracia brasileira. (20arquivoetc.blogspot.com).*

(23) *Acho que a Shame precisa sim se reformular, sobretudo em a parte de os comentários, mas acho que as blogueiras precisam ter humildade e reconhecer que um trabalho bem feito, honesto e transparente **não deixa sombra de dúvida**. (20dechanelnalaje.wordpress.com).*

Na escala de analisabilidade, “deixar claro” e “deixar marcas” podem, portanto, ser classificadas como parcialmente analisáveis, uma vez que o usuário da língua reconhece a informação dos arquétipos de [V] e de [SN] ou [Sprep] individualmente para a configuração das microconstruções, ao passo que, em (23), tem-se um grau menor de analisabilidade. Nesse último caso, a estrutura predicativa se perde totalmente na medida em que ela se torna mais cristalizada ou idiomática na língua, fato que comprova o caráter não-analisável dela.

4.3.3. Graus de composicionalidade

De acordo com Langacker (1987 *apud* BYBEE, 2016, p. 79), a composicionalidade “é

uma medida semântica e se refere ao grau de previsibilidade do sentido do todo a partir do sentido das partes que o compõem”. Então, nesse parâmetro, busca-se investigar o grau de extensão de sentido das microconstruções de verbo-suporte, a fim de mostrar se elas são mais ou menos composicionais (ou mais ou menos opacas).

(24) O STF já **deixou claro** que vai votar por um novo julgamento de o mensalão. (20 apomba.blogspot.com).

(25) Foram anos tão difíceis que o sofrimento imposto **deixou marcas** indelévels em nossas vidas, mas não conseguiu abater a nossa coragem, nem corromper o nosso caráter. (20 blogpenadigital.com).

(26) Já se vão mais de 2000 ANOS e ainda não aprendemos e nem sei se vamos aprender a valorizar verdadeiramente o q DEUS fez por todos nós. Amados essa transcrição de o texto de o proteta MESSIANICO ISAIAS descreve a apostasia do povo de JUDÁ. Porém ela tem um caráter tão específico para o q aconteceu, acontece e ainda acontecerá com as instituições RELIGIOSAS. Por favor, não tenho e nunca terei a menor pretensão de vaticinar nenhum acontecimento, mas o q temos visto dia após dia não nos **deixa sombra de dúvida**. (20opesquisadorcristao.com.br).

Como se pode verificar, em (24) e (25), as microconstruções de verbo-suporte são parcialmente composicionais, pois ainda preservam parte da semântica de verbo pleno de estruturas transitivas. No entanto, de forma comparativa, a microconstrução “deixar marcas” parece ser mais composicional do que a microconstrução “deixar claro”, uma vez que a primeira permite tanto a flexão de número quanto a inserção de diversos outros modificadores entre o verbo e o sintagma nominal que compõem a construção, enquanto a microconstrução “deixar claro” só permite a flexão de gênero, restringindo, pois, a flexão de número.

Quando se analisa a composicionalidade da microconstrução em (26), verificamos que ela é menos composicional, já que o significado da microconstrução tem a ver com a ideia de certeza que essa construção como um todo traz para o contexto de comunicação.

A microconstrução “deixar sombra de dúvida” é, por fim, definida como não-composicional, justamente porque é opaca, ou seja, o seu sentido é caracterizado pelo todo da microconstrução, razão pela qual ela estaria mais distante em termos parentais da construção de valor transitivo. Em outros termos, ela estaria mais perto do polo de conteúdo. Essa característica explicaria também a produtividade baixa dessa microconstrução na língua.

4.3.4. Graus de produtividade

A produtividade é entendida em termos de sua extensibilidade (BARDDAL, 2008) e de sua limitação (BOAS, 2008). Essa propriedade está, intimamente, relacionada à frequência *token*, isto é, ao número de vezes que a mesma unidade ocorre no contexto de uso, e à frequência *type*,

que diz respeito ao número de construções diferentes que um padrão particular pode apresentar (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18).

Com relação a esse parâmetro, optamos por verificar a produtividade das microconstruções de verbo-suporte no tocante ao cruzamento com a forma/tempo verbal da construção, a fim de identificarmos algum padrão de tempo verbal que seja mais recorrente nas microconstruções em análise e que possa, portanto, ser considerado uma característica dessas microconstruções de verbo-suporte no português. Para isso, tomamos como referencial para análise o total de ocorrências encontradas no *corpus* (17.468 ocorrências).

No que se refere à microconstrução de verbo-suporte “deixar claro”, que é a mais recorrente no *corpus*, identificamos a seguinte distribuição:

Quadro 5. Padrões de “deixar claro” no *corpus*

Padrão de busca	Padrões identificados
[deixar] [claro]	[deixar claro]: 4.634
	[deixa claro]: 3.319
	[deixou claro]: 2.809
	[deixando claro]: 1.155
	[deixo claro]: 738
	[deixam claro]: 554
	[deixe claro]: 476
	[deixei claro]: 369
	[deixaram claro]: 339
	[deixado claro]: 238
	[deixa clara]: 228
	[deixamos claro]: 167
	[deixava claro]: 160
	[deixar clara]: 141
[deixavam claro]: 116	
[deixado clara]: 60	

Fonte: Elaboração própria.

Os números acima mostram que a microconstrução de verbo-suporte “deixar claro” está diretamente ligada à forma infinitiva do verbo “deixar” e ao tempo presente “deixa claro” (terceira pessoa do singular). São contextos que privilegiam a ocorrência desse tipo de microconstrução no português, ou seja, são os padrões mais produtivos na língua.

Com relação à microconstrução de verbo-suporte “deixar marcas”, temos o seguinte:

Quadro 6. Padrões de “deixar marcas” no *corpus*

Padrão de busca	Padrões identificados
[deixar] [marca]	[deixa marcas]: 226
	[deixaram marcas]: 225
	[deixar marcas]: 205
	[deixou marcas]: 188
	[deixam marcas]: 184
	[deixando marcas]: 75
	[deixará marcas]: 28
	[deixa marca]: 28
	[deixado marcas]: 26
	[deixou marca]: 10

Fonte: Elaboração própria.

Os números apontam para uma distribuição equilibrada entre o tempo presente [deixa marcas] e o tempo pretérito [deixaram marcas], sendo o primeiro caso ligado à primeira pessoa do singular e a segunda ligada à terceira pessoa do plural. Nos dois casos, o que se verifica é que a forma plural do sintagma nominal [marcas] é a que parece ter se consolidado na língua.

Por fim, verificamos que a microconstrução “deixar sombra de dúvida” está mais ligada ao tempo presente e à terceira pessoa do singular. Ainda que o número de ocorrências seja baixo no *corpus*, uma rápida pesquisa no motor de busca *Google* referenda essa análise.

Quadro 7. Padrões de “deixar sombra de dúvida” no *corpus*

Padrão de busca	Padrões identificados
[deixar] [sombra]	[deixa sombra de dúvida]: 5
	[deixam sombra de dúvidas]: 2
	[deixavam sombra de dúvidas]: 1
	[deixou sombra de dúvida]: 1

Fonte: Elaboração própria.

Os números aqui analisados apontam para uma predominância da forma infinitiva do verbo “deixar” (no caso da busca no *Google*) e do tempo presente (juntamente com a terceira pessoa, no caso dos dados levantados no *corpus* em análise) para a configuração estrutural e semântica das microconstruções de verbo-suporte aqui analisadas.

Considerações finais

Neste artigo procuramos oferecer uma resposta para o questionamento de Langacker (2008), lançado na introdução desse texto, sobre a gradação entre léxico e gramática (ou entre conteúdo-processo), a partir da descrição e análise de três microconstruções de verbo-suporte

formadas pelo verbo [deixar]: [deixar claro], [deixar marcas] e [deixar sombra de dúvida].

A partir de um grupo de parâmetros, mostramos que tais microconstruções se situam entre os polos de conteúdo e de processo. Conteúdo e processo não são polos dicotômicos, mas estabelecem pontos de contato, como mostramos nas seções acima.

As microconstruções de verbos-suporte, aqui analisadas, compartilham ligações entre ambos os polos. Além disso, as microconstruções preservam sua estrutura argumental, possuindo relações de herança com construções oracionais transitivas [conteúdo], de modo que a microconstrução “deixar sombra de dúvida” é a que mais se distancia desse padrão, por ser de natureza lexical, ou seja, por apresentar uma estrutura mais cristalizada na língua.

Em síntese, mostramos que essas microconstruções de verbo-suporte se situam em pontos diferentes da escala conteúdo-processo, sendo as microconstruções “deixar claro” e “deixar marcas” as mais gramaticais e a microconstrução “deixar sombra de dúvida” a mais lexical, por ser a mais idiomática. A figura 2 resume esses achados.

Figura 2. Escalaridade das microconstruções de verbo-suporte com “deixar”

	[Conteúdo] [Processo]	
	[deixar sombra de dúvida] >>	[deixar marcas] >> [deixar claro]
<i>Esquematicidade</i>	Baixa esquematicidade	Parcialmente esquemáticas
<i>Analisabilidade</i>	Baixa analisabilidade	Parcialmente analisáveis
<i>Composicionalidade</i>	Não-composicional	Mais composicionais
<i>Produtividade</i>	Pouco produtiva	Mais produtivas

Fonte: Elaboração própria.

Referências

- BARDDAL, J. *Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdam: Jhon Benjamins Publishing, 2008.
- BOAS, H. C. Resolving form-meaning discrepancies. In: LAINO J. (Ed.). *Constructional Reorganization*, 2008, p. 11-36.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Rev. téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CHISHMAN, R. L. O.; ABREU, D. T. B. Construções com verbos-suporte: propriedades Gramaticais e discursivas. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 153-168, 2014.
- CROFT, W. *Radical Construcion Grammar: Syntatic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português, 1300s-1900s*, 2006. Disponível online em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

ESTEVES, G. A. T. A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: *fiz sacrifício, dei conta*. Tese de Doutorado (Letras). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2012.

ESTEVES, G. A. T. Construções com dar + sintagma nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2008.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, M. A. A construção de duração com dar no português do Brasil – uma abordagem sociocognitiva. *Dissertação de Mestrado (Linguística)*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*, vol. I. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

MACHADO VIEIRA, M. S. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. *Soletas*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 99-125. jul-dez, 2014.

MACHADO VIEIRA, M. S. Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer. *Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2001.

MACHADO VIEIRA, M. S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, 2016, p. 152-170.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbos-suporte em português. In: KOCK, Ingedore (org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Unicamp, Fapesp, 1996.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos*. São Paulo: Unesp, 2011.

SOUZA, E. R. F.; PREZOTTO JR, J. R. Graus de esquematicidade das construções verbo-nominais com o verbo “deixar” no português brasileiro. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 34-56, jan./jun. 2017.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. O. *Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: UFU, 1985.

PREZOTTO JR., J. R. Gramaticalização do verbo “deixar” no português brasileiro: uma abordagem construcional (ou Mudança construcional do verbo “deixar” no português brasileiro). *Relatório Final de Pesquisa da FAPESP (IC)*, São José do Rio Preto: IBILCE/UNESP, 2016.